

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**MATHEUS GONÇALVES DOS SANTOS SCHIAVINI**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO PLANETARIO DA UNIPAMPA**

**Bagé  
2019**

**MATHEUS GONÇALVES DOS SANTOS SCHIAVINI**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO PLANETARIO DA UNIPAMPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Física.

Orientador: Guilherme Frederico Marranghello

Coorientador: Amélia Rota Borges de Bastos

**Bagé  
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S329 Schiavini, Matheus Gonçalves dos Santos  
INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO PLANETARIO DA UNIPAMPA /  
Matheus Gonçalves dos Santos Schiavini.  
22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, FÍSICA, 2019.  
"Orientação: Guilherme Frederico Marranghello".

1. Inclusão. 2. Planetário. 3. Libras. I. Título.

**MATHEUS GONÇALVES DOS SANTOS SCHIAVINI**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO PLANETARIO DA UNIPAMPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Física.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Guilherme Frederico Marranghello  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr. Rafael Kobata Kimura  
UNIPAMPA

---

Prof. MSc. Cecília Petinga Irala  
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a minha bisavó, a pessoa que queria que estivesse **dE**sfrutando desse momento, aos meus avós, que irão comemorar comigo, aos meus pais que me incentivaram e as minhas irmãs que mantiveram a minha sanidade. Amo todos vocês.

## **AGRADECIMENTO**

Ao Prof. Dr. Guilherme Marranghello.

Ao Prof. Dr. Rafael Kimura.

A Mestre Cecília Petinga Irala.

Aos meus amigos e colegas Denilson, Andressa, Diesse e Vinícius.

A minha mãe Evelize Gonçalves dos Santos.

Ao meu pai Rodrigo Schiavini.

As minhas irmãs Bárbara Schiavini e Rafaela Schiavini.

“Sou lindo”.

Matheus Schiavini

## RESUMO

Este projeto, que apresenta um estudo sobre a inclusão de visitantes surdos no Planetário da Unipampa, parte da experiência com nossos visitantes e trilha seu caminho com o auxílio de colaboradores, especialmente do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UNIPAMPA. Nos últimos anos, o Planetário da Unipampa tem recebido, com frequência, a visita de pessoas surdas e, percebendo a necessidade de adaptar-se para melhor atender a este público, iniciou a tradução de suas sessões para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), entretanto, devido à especificidade do tema Astronomia e das diversas formas de expressar alguns conceitos relacionados ao tema, faz-se necessário um estudo aprofundado, não apenas sobre a existência destes sinais, mas sobre o seu reconhecimento pelo público. Acreditamos que, ao iniciarmos uma capacitação mínima da equipe de planetaristas, fornecer sessões em Libras e proporcionar uma experiência mais direcionada ao público surdo, este terá um maior engajamento e aprendizado no planetário.

Palavras-Chave: Inclusão. Planetário da Unipampa. Libras.

## **ABSTRACT**

This project, which presents a study on the inclusion of deaf visitors to the Unipampa Planetarium, is part of our experience with our visitors, and trails its way with the help of collaborators, especially from the UNIPAMPA Inclusion and Accessibility Center. In recent years, the Unipampa Planetarium has been frequently visited by deaf people and, realizing the need to adapt to better serve this public, has begun translating its sessions into the Brazilian Sign Language (Libras), however, due to the specificity of the theme Astronomy and the various ways of expressing some concepts related to the theme, it is necessary to study in depth, not only about the existence of these signals, but about their recognition by the public. We believe that by initiating a minimum training of the planetary team, providing sessions in Libras and providing a more targeted experience to the deaf public, it will have a greater engagement and learning in the planetarium.

Keywords: Inclusion. Planetarium of Unipampa. Libras.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTO</b>	<b>6</b>
<b>RESUMO</b>	<b>8</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>101</b>
<b>2</b>	<b>123</b>
<b>2.1</b>	<b>Divulgação científica 14</b>
<b>2.2</b>	<b>Ser surdo e bilíngue 15</b>
<b>2.3</b>	<b>Ensino de astronomia para surdos 16</b>
<b>3</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>190</b>
<b>5</b>	<b>223</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De uma forma geral, toda informação existente no Brasil é transmitida de forma oral. Sejam em sala de aula, seja em uma conversa informal na rua, até na transmissão de notícias pela rede televisiva. Percebe-se que pelas ruas, em placas, em cardápios de restaurantes, e em folhetos de informações, todos estes estão escritos em português.

Dando um enfoque no seguinte trabalho, deve-se analisar e avaliar onde a situação muda de língua, num contexto literal, onde deixa-se de usar o português e passa-se a utilizar a Libras. Não há, de fato, inclusão para surdos na sociedade, isto é, é necessário que todo surdo seja bilíngue, sabendo Libras e o português, que é garantido pela lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 4.626/2005, para conseguir se comunicar na sociedade. O que será construído não é destinado a críticas quanto a eficiência da transmissão de informações, se há perdas de conceitos ou interpretações quando se traduz uma língua para a outra, mas sim, na importância de se ter material que seja direcionado para o público surdo.

Visando isso, o alvo do trabalho será a experiência de surdos no planetário na Unipampa do campus Bagé, onde podemos problematizar duas situações: 1- Como o planetário se organiza para oferecer conteúdo em Libras para os grupos de surdos que o visitam? 2- Há conceituação e sinais do assunto de astronomia para serem trabalhados?

Analisando a primeira situação, sabe-se que já existem duas sessões traduzidas para Libras no planetário, onde o público pode receber a informação da melhor forma, que é na própria língua. Isto mostra a preocupação e a dedicação da direção e administração em apresentar todo o conteúdo existente no planetário, da melhor forma possível, para que haja efetiva significante nas visitas ao domo. Apesar disto, a equipe do planetário não domina a Libras, fazendo-se assim, necessário intérprete para transmissão de conteúdos que comumente são feitos de forma oral

Para entender melhor, a intenção é fazer uma visita ao polo de educação para surdos na cidade de Bagé para ter um contato direto com o público surdo, a fim de que seja possível sanar dúvidas como as de conceito, sobre o conhecimento dos sinais que representam o sistema solar, o conhecimento do próprio sistema solar e informações adicionais dos objetos celestes que o compõe.

O objetivo principal é conhecer e compreender como um surdo se sente no planetário, se ele crê que de fato há inclusão neste espaço. Alguns outros são desenvolver uma boa base para o público no planetário, para a acessibilidade ser possível, por exemplo, em sessões abertas, na situação de um surdo visitar o planetário, ele ter a possibilidade de conseguir abstrair informações com uma sessão traduzida e também, a tentativa de criar sinais para os corpos celestes que ainda não possuem um.

## 2 PROBLEMATIZAÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

O artigo de Carneiro e Longhini (2015) aponta para as complicações de se fazer divulgação científica na sociedade que não está em contato com o meio acadêmico. Apresenta a realidade dos pesquisadores, como alguns somente fazer a divulgação no seu âmbito, sem levar a informação para o público em geral. Em contrapartida, há pesquisadores que divulgam seus trabalhos e pesquisas para a comunidade que não está no contexto acadêmico, porém, encontra a maior dificuldade: é possível fazer com que o público que não tem contato com termos técnicos e as informações na formalidade divulgada, compreender o a informação que está sendo passada?

No artigo, percebe-se que se tratando de divulgação científica, é complexo dizermos a forma exata como deve ser tratada. Tendo dito isto, vale ressaltar que não há menção do público surdo, então é possível questionar: essas informações chegam tanto para os que convivem no meio acadêmico quanto os que não convivem? Aqui cabe o fato de que os surdos necessariamente precisam ser bilíngues inclusive, garantido por lei que assim sejam ensinados, sabendo a língua de sinais e a língua portuguesa.

Segundo Witkoski (2013), ensino bilíngue tem, como eixo de sustentação a Libras como língua de instrução para o surdo, e a oral oficial do país como segundo idioma. Então não é incorreto afirmar que materiais de ensino ou pesquisa, tivessem a imagem dos sinais que apresentassem a ligação entre o conceito e o objeto.

Ainda reafirma com depoimentos de pessoas surdas que a educação do surdo é deixada de lado em escolas ouvintes, uma vez que não se abordam histórico e socialmente as relações e atuações de surdos na sociedade. Sendo assim, o aluno que não é ouvinte não sente a inclusão, além disso, sente-se excluído por este fato.

Imaginando outro cenário onde estes não possuem opções de saídas desta realidade por não terem acesso a escolas surdas, que podem não existir na sua região, ou estarem muito distante, o que torna inviável a mudança, é possível trazer a hipótese que juntamente com a ideia de o aluno surdo não se sentir incluso, o que irá ocorrer é: a evasão escolar por parte dessa pessoa.

Abaixo há uma tabela com algumas publicações relevantes, utilizadas para reunião de informações, onde consta o nome dos autores, o nome do trabalho e o

ano de publicação/apresentação. Discutiremos sobre estes trabalhos nas próximas seções.

**TABELA 1 - REFERENCIAIS**

<b>NOME(S) DO(S) AUTOR(ES)</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>
Fábio de Souza Alves, Denis Eduardo Peixoto, Eliza Marcia Oliveira Lippe.	Ensino de astronomia para surdos nas séries iniciais: dificuldades e possibilidades no espaço escolar	2012
Dalira Lúcia Cunha Maradei Carneiro, Marcos Daniel Longuini.	Divulgação científica: as apresentações sociais de pesquisadores brasileiros que atuam no campo da astronomia	2015
Katia Regina Conrad Lourenço, Antônio Rauf Di Carli Meireles.	Apostila para proeficiência em Língua Brasileira de Sinais: Libras, falando com as mãos e ouvindo com os olhos.	2012
Marília Rios Nunes	Possibilidades e desafios do ensino de astronomia para língua brasileira de sinais	2017
Cássia Geciauskas Sofiato, Lúcia Helena Reily.	Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical.	2014
Sílvia Andreis Witkoski.	A problematização das políticas públicas educacionais da educação bilíngue de surdos.	2013

Fonte: Autor (2019)

## **2.1 Divulgação científica**

O artigo de Carneiro e Longhini (2015) traz a importância da divulgação científica quando diz “...é preciso pensar na divulgação científica como apoio e motivação à educação, pois ela exerce papel fundamental na educação e na apreensão da ciência pela sociedade.”. O contexto geral da publicação é voltado para a área da astronomia e apresenta problematizações a respeito de ser feita ou não a divulgação científica fora do contexto acadêmico, onde no caso de ser feita a divulgação, existem as dificuldades como o desconhecimento de termos técnicos ou até mesmo a falta de entendimentos básicos sobre o assunto. Ainda assim, a pesquisa feita com alguns entrevistados, aponta para o fato de estes realizarem atividades tanto para a comunidade escolar quanto para o público em geral, mas só metade faz este trabalho de uma forma periódica.

Os autores coletam informações e opiniões das pessoas entrevistadas, e estas dizem ser complexo a abordagem para com o público leigo na área, mas que se faz necessária a divulgação e a conversação a respeito de astronomia e apesar

disto, acreditam que há necessidade de formação para atuar na educação e divulgação científica.

“As opiniões se convergem para o mesmo entendimento: a divulgação científica exerce papel importante na formação social, cultural e de cidadania” (CARNEIRO & LONGHINI, 2015), análise feita pelos autores, logo, pode-se considerar que existe importância na divulgação científica para a sociedade de forma geral e não só em ambiente escolar ou acadêmico.

## **2.2 Ser surdo e bilíngue**

Um ponto importante de ser ressaltado é:

“...as instituições federais de ensino, responsáveis pela formação básica, devem garantir a inclusão de alunos surdos em escolas e/ou classes de educação bilíngue, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.” (WITKOSKI, 2013, p. 93).

Também faz observações e conclusões de que o surdo é quem deveria decidir o tipo de ensino que quer para si, algo que deve ser levado em consideração em todos os âmbitos, níveis e aspectos do ensino.

Quando o assunto é voltado para Libras, é enorme a dificuldade de se encontrar material que não se trate a respeito de utilizar auxílios visuais, como por exemplo cartazes com legendas ou textos explicando uma imagem que virá a seguir.

Tendo dito isto, é resgatado do artigo o seguinte trecho:

“...a escola bilíngue que os surdos defendem, constitui-se naquela que atende às especificidades da pessoa surda, construída a partir da perspectiva socioantropológica da surdez, que os percebe como sujeitos culturais, com cultura própria, na qual a Língua de Sinais constitui-se o símbolo identitário por excelência” (WITKOSKI, 2013, p. 93).

Onde, de acordo com Witkoski (2013, p. 93, apud SKILIAR, 1999, p. 24) “permite reinterpretar suas tradições comunitárias como construções históricas, culturais, linguísticas e não simplesmente como um efeito de supostos mecanismos de compensação biológicos e/ou cognitivos”.

Isso é comum pelo fato de a grande maioria dos artigos existentes serem escritos pelo público ouvinte para pessoas surdas, o que é algo significativo pois o que os autores almejam é acessibilidade e inclusão, trazendo visualização para essas ações, porém, traz o que já foi citado anteriormente sobre a realidade de todo o surdo necessariamente ser bilíngue, pois as informações serão transmitidas de forma escrita com a utilização da língua nacional falada pelos ouvintes, o que é uma mostra possível de acessibilidade mas não de inclusão.

### **2.3 Ensino de astronomia para surdos**

Em uma busca sobre publicações foi constatado já houveram artigos e trabalhos a respeito de ensino de astronomia para surdos, estes trabalhos são: uma dissertação de mestrado (NUNES, 2017), um artigo submetido ao II SNEA (ALVES, PEIXOTO & LIPPE, 2012), e um estudo de caso (BEZERRA-ARAUJO, 2014).

O artigo de Alves (2012) mostra a existência de uma diferença de dialética e a falta de alguns conceitos nos dicionários populares de Libras, o que pode trazer dificuldades para alunos que não tiverem uma orientação apropriada, ou até mesmo para professores e intérpretes que não tem familiarização para com o assunto que está sendo abordado.

Na dissertação, a autora criou uma cartilha para ensinar astronomia em Libras, mas também trouxe a problematização de por exemplo, alguns professores não saberem os contextos científicos astronômicos para transmitir em Libras, numa situação onde não se tem o intérprete para o auxílio ou até mesmo para assumir o papel de mediador ou professor para a situação específica, e também algumas vezes mostrando que não existem sinais para alguns casos ou objetos celestes, coisas que dificultam o ensino ou até mesmo abordagem rasa em questão de assuntos que poderiam serem discutidos rapidamente, mas apresentam a necessidade da soletração com o alfabeto datilológico, o que pode fazer com que o tempo necessário para com este aluno em específico seja maior, ou até mesmo um tempo particular somente para introdução e desenvolvimento do conceito.

O material produzido pela autora da dissertação foi a Cartilha Astronomia na Ponta dos Dedos, direcionada a públicos ouvintes e surdos, que também serve como subsídio de conteúdo para professores e/ou intérpretes que querem abordar o tema em aula, mas que não tem formação ou até mesmo conhecimento básico

dessas informações, seja de sinal ou de conceito. Um sinal foi criado por pessoas surdas para a palavra galáxia, os demais sinais já existiam.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS

A área da Astronomia já sofre com situações onde é “encurralada” pelo senso comum, o que na verdade, é mais como um confronto da cultura popular disseminada, com pesquisas científicas que podem ter como característica a complexidade de entendimento devido à ausência de conceitos básicos. Até então, a melhor resposta para algumas questões que buscam pôr em xeque a veracidade das pesquisas é “a formação não é nesta área então não há aptidão para ser dada uma resposta”.

O ponto chave é que há certo “preconceito”, diga-se de passagem, para com a astronomia, o que a torna um objeto de estudo que não recebe a devida atenção ou importância, levando em consideração que o senso comum a respeito de fenômenos astronômicos, corpos celestes e concepções históricas (que carregam muita mitologia no seu surgimento) pode levar à uma interpretação ilusória, mistificando e distorcendo os reais acontecimentos de cada caso, o que já leva o público ouvinte em geral a um cenário onde é necessário cuidado e mediação da informação e do modo como ela está sendo apresentada.

Após tais afirmações, é visível o cuidado necessário em certas abordagens e transmissões de conceitos, mas a direção que isso deve tomar é onde vem à tona a realidade de um surdo, num contexto onde está tendo aulas com pessoas ouvintes. Como já foi dito, o surdo deveria escolher o tipo de educação que quer para si, e também reforçando o direito de educação para surdos em Libras e em Português, e uma vez que se entende como a astronomia é vista pelo público em geral, fica a dúvida sobre onde estão contextualizados os cidadãos surdos nesse ambiente.

É importante saber como chegam os conceitos a respeito da astronomia, mas mais importante, é se conceitos, quaisquer que sejam, chegam para estes cidadãos.

Então, o artigo de Carneiro e Longhini (2015) tem importância pela razão de que fala a respeito da divulgação científica no ramo da astronomia, que é um dos pontos o qual o atual trabalho pretende seguir, mas com a adição da inclusão, onde pode-se unificar à ideia da dissertação de Nunes (2017) que mostra o ambiente onde pode-se trabalhar com o público de maneira direta, tendo em vista que houve a criação da cartilha para o ensino de astronomia em Libras, juntamente com a criação do sinal de galáxia para aquele âmbito, que também pode ter aprimorado a contextualização do conceito.

Complementado com a problemática de Witkoski (2013), que diz respeito a comunidade surda ser bilíngue, então o aluno surdo deve escolher a maneira com a qual lhe for possível fazer a melhor ligação do conhecimento e informações transmitidas, uma vez que o objetivo é a aprendizagem na sua melhor forma, trazendo a proposta de minimizar práticas como a de visualização com alta densidade textual, isto é, apresentar os conceitos e objetos de estudo com ilustrações que trazem legendas com nível de complexidade elevado.

#### 4 LEVANTAMENTO

Como já citado anteriormente, é necessário um levantamento dos sinais existentes para que não haja conflitos em uma situação onde se faz importante a criação de um sinal, sem esquecer a possibilidade de variações nos sinais encontrados. Na tabela a seguir, estão algumas palavras mais conhecidas na astronomia, se possuem sinal e caso possuam, se há variação:

**TABELA 2 – SINAIS PRINCIPAIS**

<b>OBJETO</b>	<b>EXISTE O SINAL</b>	<b>VARIAÇÕES DE SINAIS</b>
Astronomia	Sim	Não constam variações
Céu	Sim	2
Constelação	Não Consta	--
Eclipse	Sim	Não constam variações
Estrela	Sim	Não constam variações
Júpiter	Sim	3
Lua	Sim	2
Marte	Sim	3
Mercúrio	Sim	3
Netuno	Sim	2
Planeta	Sim	Não constam variações
Planetário	Sim	2
Órbita	Sim	Não Consta
Rotação	Sim	Não Consta
Saturno	Sim	2
Sistema Solar	Sim	Não constam variações
Sol	Sim	Não constam Variações
Terra	Sim	2
Urano	Sim	2
Universo	Não consta	--
Vênus	Sim	2

E a seguir há a tabela com os sinais em Libras a respeito de astronomia que não possuem variação.

**TABELA 3 – SINAIS SEM VARIAÇÃO**

Palavra	Sinal	
Astronomia		
Eclipse (solar ou lunar)		
Estrela		
Planeta		
Sistema Solar		
Sol		

Fontes das imagens: Canal Astronomia em Libras e Canal Intérprete X – Nephandes Black.

A partir destes sinais, já pode-se abordar inicialmente conceitos básicos como o sistema solar, a existência de planetas e uma estrela com a utilização de sinais de conceito como: rotação e órbita para tratar desse assunto na área da astronomia utilizando a Libras.

Analisando a situação de muitos sinais possuírem variação, a dinâmica de explicação de todos eles, pode ser complexa e confusa, tanto para quem está transmitindo quanto para aqueles que estão recebendo a informação. Uma maneira de contornar essa situação, é usar um grupo de sinais que será a forma padrão utilizada em abordagens no planetário, explicando de antemão o conceito de cada sinal e só após então iniciando o diálogo.

## 5 METODOLOGIA

A estratégia utilizada será de ir até um polo de educação para surdos localizado na cidade de Bagé, e conversar com os alunos e utilizar fichas de avaliação para compreender a realidade deles, o que pensam sobre o modo como as informações são passadas e o que conhecem sobre astronomia, para assim, tentar uma abordagem utilizando a Libras, pois acredita-se que quando passada a informação desse modo, pode-se trazer uma característica importante como a transmissão dos assuntos com outros surdos, fazendo assim, com que essa área do conhecimento possa se estender até o público alvo de maneira aprimorada.

As informações a serem coletadas são: quais os objetos que os alunos sabem que podem ser vistos no céu; quais os sinais conhecem para estes objetos; quais informações que sabem a respeito do objeto. Tendo feito isso, será feita uma comparação com as informações já existentes em Libras a respeito do céu que pode ser visto a olho nu do hemisfério sul do globo terrestre. A partir daí, serão feitas aplicações na forma de aula para os que estiverem interessados no assunto astronomia. As intervenções terão inicialmente o sistema solar como centro, cuja parte dos objetos podem ser identificadas da terra (não vistas a olho nu, mas o brilho de vários corpos pode ser visto, e identificar o corpo a partir daí) no Planetário da Unipampa, e então serão focadas no planeta Marte.

**TABELA 4 – CRONOGRAMA**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>DATA</b>
Criação da Ficha	05/08/2019-23/08/2019
ida ao polo para conversação	09/09/2019-13/09/2019
Coleta com ficha	23/09/2019-04/10/2019
Análise das fichas	14/10/2019-08/11/2019
Visita da turma ao planetario	20/11/2019
Encerramento das atividades	22/11/2019

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio de Souza; PEIXOTO, Denis Eduardo; LIPPE, Eliza Marcia Oliveira. **Ensino de astronomia para surdos nas séries iniciais: dificuldades e possibilidades no espaço escolar.**
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 dez. 2005.
- CARNEIRO, Dalira Lúcia Cunha Maradei; LONGHINI, Marcos Daniel. Divulgação científica: as representações sociais de pesquisadores brasileiros que atuam no campo da astronomia. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia -RELEA**, 2015, nº 20, p. 7-35.
- LOURENÇO, Katia Regina Conrad; MEIRELES, Antônio Rauf Alves Di Carli.; In: LOURENÇO, Katia Regina Conrad. **Apostila para Proficiência em Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS, Falando com as Mãos e Ouvindo com os Olhos.** Caraguatatuba: Instituto Modelo de Ensino Superior de Caçapava – IMOESC, 2012. Cap.02, p. 14-60.
- NUNES, Marília Rios. **Possibilidades e desafios do ensino de astronomia para língua brasileira de sinais.** Orientador: Nelson Vani Leister. 2017. 118 p. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade de São Paulo, Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, São Paulo, 2017. Cartilha disponível em: <http://www.astro.iag.usp.br/~mpea/produtos/marilia/MariliaCar.pdf>
- SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lúcia Helena. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-126, jan./mar. 2014.
- WITKOSKI, Sílvia Andreis. A problematização das políticas públicas educacionais da educação bilíngue de surdos. **NUANCES: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 24, maio/ago 2013, n. 2, p. 86-100.